

ALMERINDA GAMA, UMA GRIÔ FEMINISTA

TENÓRIO, Cibebe. *Almerinda Gama: a sufragista negra*. São Paulo: Todavia, 2025. 280p.

A obra *Almerinda Gama: a sufragista negra*, apresentada ao público em 2025, é resultado da dissertação de mestrado defendida por Cibebe Tenório no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília. A autora, formada inicialmente no jornalismo, buscou reconstituir a trajetória de uma das mais importantes sufragistas do nosso país, a alagoana Almerinda Gama.

Tenório percorreu um caminho incomum para se aproximar da trajetória de Almerinda, personagem que localizou ao participar de uma oficina de produção audiovisual no Centro de Pesquisa e Documentação Histórica da Fundação Getúlio Vargas. Essa atividade tinha como objetivo a produção de curtas-metragens sobre pessoas notórias da política brasileira

e, dentre tantos rostos conhecidos e celebrados pela nossa história, havia uma personalidade impactante, elegantemente vestida e com um belo sorriso ao depositar o seu voto na urna. A mulher da fotografia que atravessou décadas despertou em Tenório a vontade de saber quem ela era. Ali começava uma jornada de imersão na trajetória de uma mulher de muitas facetas que, muito além de uma foto desbotada, tinha uma história para contar sobre um Brasil que ela observou, vivenciou e protagonizou.

O texto de orelha, escrito pela historiadora Ynaê Lopes dos Santos, especialista em estudos sobre relações raciais no Brasil e nas Américas, enfatizou o quanto esse livro vai muito além de uma biografia clássica

que busca apenas perseguir o sujeito e as nuances de sua vida. Como destaca Santos, a obra nos mostra o Brasil em que Almerinda viveu por um século por meio de uma análise interseccional. A partir disso, leitor e leitora caminham de mãos dadas com uma personagem privilegiada que não somente viu, mas foi parte central em diversas lutas que impactaram coletivamente mulheres, trabalhadores, trabalhadoras e a população negra do país.

A partir dos comentários na contracapa das intelectuais Sueli Carneiro e Jurema Werneck, referências do Movimento Negro brasileiro, é possível notar o peso que esse estudo traz para a contemporaneidade. O livro, fruto da pesquisa acadêmica, é bem escrito e acessível ao grande público. A intenção é tornar a obra um instrumento de divulgação científica, um terreno que vem ganhando cada vez mais espaço entre os acadêmicos das novas gerações.

Observando o contexto em que essa produção nasce, é notório o crescimento de trabalhos que privilegiam a biografia como mote central. Esse campo de estudo encontrou esteio na historiografia brasileira há

algumas décadas, o que resultou no aumento do número de publicações, de grupos de pesquisa e de programas de pós-graduação. Essas pesquisas têm reverberado positivamente na educação básica, já sendo perceptível a aproximação desses estudos às produções voltadas para a sala de aula, como é o caso dos livros didáticos.

Tais pesquisas estão ganhando espaços nos extramuros acadêmicos, com algumas adaptações que alcançam um público mais amplo, e trazendo ao centro trajetórias negras para contar a história do Brasil. Exemplos dessas iniciativas são os filmes *Doutor Gama*, *Pixinguinha*, *um Homem Carinhoso* e *Quem é essa mulher?* que, a partir de diferentes olhares, adaptaram e/ou utilizaram estudos historiográficos.¹

-
- 1 O filme *Doutor Gama*, contou com a consultoria da pesquisadora Ligia Fonseca Ferreira, que desenvolveu *Docteur ès lettres* pela Universidade de Paris 3 Sorbonne, França, com tese sobre a vida e a obra do escritor, poeta, jornalista e abolicionista Luiz Gama. O filme *Pixinguinha, um Homem Carinhoso*, contou com a consultoria do pesquisador André Diniz, autor de *Pixinguinha – O Gênio e o Tempo* (2012) e *Pixinguinha – Um Perfil Biográfico* (2022). O filme *Quem é essa mulher?*, contou com a consultoria da pesquisadora Mayara Santos, que desenvolveu mestrado na Universidade Federal da Bahia, sobre a trajetória de

A obra se inicia com uma rápida introdução que apresenta Almerinda, acompanhada da célebre foto e do mistério “Quem é a eleitora da fotografia?” (p. 9). Para desvendar esse enigma, os leitores e leitoras têm à frente três partes compostas por 23 capítulos curtos e bem encadeados. Outro grande acerto foi a escolha de construir um texto biográfico que vai e volta no tempo, fugindo da clássica organização cronológica, por vezes teleológica, presente em muitos estudos biográficos.

Na primeira parte, intitulada “O voto”, a publicação mergulha no Brasil republicano, em processo de reorganização a partir do golpe de Estado de Getúlio Vargas, nos anos 1930. Dentre muitas lutas impetradas por diversos setores e segmentos sociais, a autora começa a dar enfoque à luta feminina em torno do sufrágio. Nesse momento, percebe-se o quanto a conjuntura nacional será parte vital da narrativa, oferecendo o “chão social” necessário para que sigamos os passos da biografada.

A autora vai, pouco a pouco, nos aproximando de Almerinda

e apresentando as possibilidades disponíveis para que pudesse participar da votação da bancada classista em 1934, sendo a única mulher presente nessa decisão. Até chegar a esse feito, a alagoana percorreu um longo caminho na luta pelo sufrágio junto a outras mulheres da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF). Almerinda foi uma importante integrante da federação, mantendo grande proximidade com a figura máxima da entidade, Bertha Lutz.

Investigando a participação de Almerinda nessa organização feminina, Tenório explora as múltiplas facetas da mulher que ocupou diversas funções de destaque e se tornou figura obrigatória em diversas frentes. Diferentemente da maioria das lideranças da entidade, a datilógrafa alagoana, que àquela altura era viúva, precisava trabalhar para se manter na capital do país. Por vezes, ela sequer tinha como arcar com as viagens, roupas e alimentação necessárias para acompanhar as agendas do grupo, que, por outro lado, contava com integrantes das classes média e alta do país. A favor de Almerinda, havia a liberdade que a

Maria Odília Teixeira, a primeira médica negra do Brasil.

viuvez lhe conferia. Por vezes, a única mulher negra presente nas fotografias da FBPF era Almerinda.

Ainda nesta primeira parte, somos apresentados às origens de Almerinda. Ali, entendemos a sua organização familiar, percebemos como sua infância foi marcada por uma perda significativa e acompanhamos os caminhos por onde esse desarranjo impactou sua vida. Compreendemos também como nasceu, em Almerinda, a vontade de lutar pelos direitos que considerava justos, diante das injustiças vividas pelas mulheres. Esse retorno aos seus primeiros anos é de suma importância para a narrativa, pois ficam claras as motivações que a levaram a seguir um caminho que, ainda que de família remediada, não era tão comum para uma mulher negra no início do século XX.² A alagoana buscou instrução durante toda a sua

2 Sobre a trajetória de mulheres negras no início do século XX no Brasil, consultar: Canavarro Benite, A. M, “Enedina Alves Marques: primeira engenheira negra do Brasil”, *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As*, v. 12, n. 33 (2020), pp. 688-691; J. Romão, *Antonieta de Barros: professora, escritora, jornalista, política catarinense e primeira deputada negra do Brasil*, Florianópolis: Editora Cais, 2021; Mayara Priscilla de Jesus do Santos, “Maria Odília Teixeira: a primeira

vida, alcançando uma formação heterogênea e tornando-se “jornalista, militante feminista, sindicalista, advogada, poeta e musicista” (p. 11).

Longe de uma abordagem laudatória, o texto nos aproxima de uma mulher de carne e osso, que abdicou, silenciou e, por vezes, contornou diversas barreiras e percalços. Já na velhice, ao ponderar sobre a sua jornada, a militante, por vezes, imaginou como teria sido caso tivesse casado novamente e seguido outro percurso de vida. Almerinda dividiu com muitas mulheres de sua geração a difícil escolha entre o lar e uma existência mais livre, sem as amarras sociais que uma mulher casada enfrentava. Por outro lado, pagou o preço por sua liberdade, ainda que limitada, pois ser uma jovem viúva também poderia ser perigoso. Trabalhou para se manter em espaços por vezes altamente masculinizados e tentou mudar as coisas ao seu redor.

Na parte dois do livro, “A máquina de escrever”, adentramos no mundo que a instrução possibilitou à alagoana (p. 85). Novamente, voltando às décadas iniciais de sua

médica negra da Faculdade de Medicina da Bahia (1884-1937), Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019 

vida, encontramos Almerinda numa encruzilhada: o que fazer com o dinheiro de uma herança recebida aos dezoito anos? A jovem não titubeou, optando por investir em si mesma, ou em suas palavras, “Eu quero empregar esse dinheiro no meu cérebro, porque daqui ninguém rouba” (p. 89). E assim foi feito. Logo tornou-se datilógrafa, o que abriu portas para que pudesse se empregar em escritórios e, posteriormente, utilizou essa habilidade em várias trincheiras de sua vida. A máquina de escrever talvez tenha sido uma das suas melhores amigas, além de ser uma expectadora íntima de suas alegrias e do desafogo de seus anseios ao longo das décadas que se seguiram.

Tenório aproveita essa volta à juventude da biografada para explicar a natureza do casamento de Almerinda com um primo, enlace que durou poucos anos e foi mantido à distância até a sua viuvez. Seu novo *status* social, ainda que doloroso, trouxe um novo cenário à Almerinda, pois, com a ajuda do irmão, foi possível mudar-se para a então capital do país, o Rio de Janeiro. Lá, a alagoana conseguiu se inserir na FBPF, onde se tornou assessora de imprensa,

função primordial para o sucesso da campanha em busca do voto feminino. Novamente, a máquina de escrever estava presente, sendo muito mais do que ferramenta de trabalho, abrindo caminhos para que Almerinda pudesse atuar como interlocutora política, traçar estratégias, construir pontes entre diferentes grupos e ser protagonista de lutas da federação.

Um dos pontos altos dessa parte do livro é o número de fontes documentais apresentadas. Nela, podemos ver muitas fotografias de diferentes períodos da vida de Almerinda, peças fundamentais para auxiliar os leitores e leitoras a vislumbrar os cenários em que ela estava inserida. Acompanhamos a sua atuação como jornalista através das publicações em jornais do Rio de Janeiro, ao passo que também observamos o quanto ela mesma apareceu como parte integrante das notícias que, vez por outra, traziam os movimentos sociais em lutas por direitos. Como integrante de vários espaços, não foi raro vê-la inserida em diferentes situações. Por fim, somos brindados com imagens de documentos pessoais dela, como seu título de eleitor – conquistado

através da luta sufragista; sua carteira de imprensa e seu passe para pegar ônibus. Junto a essa documentação, há também as fotografias pessoais de diferentes anos, um grande auxílio para humanizar ainda mais a narrativa.

A esta altura, perguntamo-nos como a questão racial chegou a Almerinda. Mesmo que a categoria raça não tenha sido tratada de maneira isolada no texto, o capítulo “A respeito da minha pele” é essencial para aprofundarmos esse ponto. Nele, Tenório busca se aproximar da percepção que Almerinda tinha sobre a sua condição racial. Novamente, o contexto é peça-chave para nos aproximarmos da experiência dessa mulher, que expressou, em seus escritos, crenças que muito se assemelham à ideia de democracia racial veiculada principalmente na produção de Gilberto Freyre. Tenório argumenta que, mesmo sendo Almerinda uma mulher negra de pele clara, o que pode ter contribuído para que fosse aceita em alguns cenários, a sufragista não passou ilesa das violências raciais. Essas experiências podem ter fomentado a vontade de escrever sobre o legado do

povo negro, como no livro de poemas *Zumbi*, lançado em 1942.

Ainda nessa parte do livro, é possível atestar os atravessamentos que gênero, classe e raça conferiram à sua experiência. Em um dado momento da trajetória, seus anseios tiveram de se reorganizar. Os rumos de sua militância se modificaram, pois, ao encontrar limitações de ordem racial e de classe na FBPF, passou a atuar em outros espaços de luta social. Sempre munida da sua máquina de escrever, buscou, por meio de sindicatos, partidos e redações de jornais, tecer novos acordos para que sua pauta progredisse.

Na última parte do livro, intitulada “A casa”, mergulhamos num universo íntimo e mais emocional da narrativa (p. 179). Utilizando a *internet* como ferramenta e, certamente, se valendo de suas habilidades jornalísticas, Tenório foi seguindo os rastros deixados pela militante. Tal como na fábula infantil “João e Maria”, acompanhamos a autora na busca pelos vestígios deixados por Almerinda, num esforço incrível de pesquisa. Para além disso, percebemos a emoção que envolve a autora nesse caminhar para o qual, como ela mesma descreveu, “precisava ganhar

a confiança de Almerinda para que ela revelasse um pouco mais”, (p. 184).

Com metodologia e insistência, Tenório chegou a um tesouro inestimável para o seu estudo, encontrando familiares que reconstituem pedaços importantes e até então invisibilizados da trajetória de Almerinda. Nesse passado que se desvenda, somos presenteados com novas nuances de sua trajetória, que apresenta a sua organização familiar; a construção de sua casa, espaço importantíssimo para entender como sua atuação seguiu em um formato mais pessoal e, por fim, as últimas décadas de sua vida. Essa memória, resguardada por sua filha Juliana, é acessada por meio de fotografias, escritos, relatos e até mesmo de música.

Além de responder a questões que rondavam o mote inicial de sua busca pela “eleitora da fotografia”, nesse momento da obra acessamos as subjetividades que cercaram essa mulher, seja através dos seus talentos artísticos como musicista e escritora, seja em suas reflexões acerca de suas escolhas de vida (p. 9). Mais uma vez, fica evidenciado o quanto Almerinda foi “uma mulher em mil”, que produziu, viu e viveu várias formas de ser.

Esse olhar bem aproximado, ao passo que ajuda a entender que Brasil é esse em que Almerinda envelheceu, traz novas camadas ao exercício de pensar como a finitude da vida pode revelar outros aspectos de nossa existência, inclusive a forma como nos vemos. Talvez somente ao se tornar octogenária, Almerinda tenha verbalizado em entrevistas sua importância para o movimento sufragista e sindical brasileiro. Assim, muito tardiamente, a mulher que tanto escreveu sobre tudo e todos, teve a oportunidade de falar sobre si. Essa constatação reforça todo o processo de silenciamento e invisibilização que ela sofreu.

Trazer Almerinda Gama ao centro dessa narrativa, após tantos anos de apagamento, não deixa de ser um ato de justiça. Esta obra nos permitiu acompanhar de muito perto a sua experiência a partir das lentes de Tenório, que ora nos emociona com os anseios e lutas da biografada, ora nos faz torcer pela pesquisa e seus achados da autora.

Assim, mesmo sem saber, Cibele Tenório iniciou uma jornada que a levaria bem perto de uma das brasileiras mais importantes do

século passado. Desde o início da busca, a partir de uma fotografia, até o desfecho, em que foi possível adentrar no seu universo familiar, essa investigação não só respondeu aos anseios iniciais da sua pesquisa, como foi além. Esta obra, além de ser uma contribuição historiográfica para os estudos do período pós-abolição no Brasil, também cumpre um papel importante na divulgação científica da história a públicos mais amplos, colaborando ativamente na

recuperação do passado do povo negro no Brasil.³ Ao fim do livro, não temos dúvidas de que Tenório “garantiu um lar para Almerinda” e que este lar encontra-se de portas abertas para todas as pessoas que queiram entrar (p. 238).

Mayara Santos  

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano

doi: 10.9771/aa.v0i72.72612

-
- 3 Sobre estudos de trajetória no pós-abolição, consultar: G. Xavier, *Maria de Lourdes Vale Nascimento: uma intelectual negra do pós-abolição*, Niterói: EdUFF, 2020. Ynaê Lopes dos Santos, *Juliano Moreira: o médico negro na fundação da psiquiatria brasileira*, Niterói: EdUFF, 2020; Joel Rufino dos Santos, *Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável*, Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2018.